

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE TEORIA QUEER

Autor Ana Teresa Camilo Duarte; Co-autor Vanessa Carneiro Banderia de Carvalho Cruz.

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Faculdade Vale do Salgado (FVS)

anateresaduarte9@gmail.com; vanessa2701@hotmail.com

Resumo: Esse trabalho visa contemplar alguns apontamentos da teoria queer, cujas propostas são consideradas recentes no debate acadêmico. Falaremos então como se deu seu surgimento e quais as principais contribuições nos cenários social e acadêmico, partindo do pressuposto que tais apontamentos ultrapassam seu caráter teórico, pois se busca também propostas políticas. Para tanto foi escolhida para suporte metodológico a revisão de literatura devido a sua utilidade para o fim da proposta desse trabalho.

Palavras-chave: Queer, política, subversão.

INTRODUÇÃO:

Esse ensaio visa contemplar reflexões sobre os apontamentos da teoria queer, cujas propostas são consideradas recentes no debate acadêmico. Falaremos então como se deu seu surgimento e quais as principais contribuições nos cenários social e acadêmico, partindo do pressuposto que tais apontamentos ultrapassam seu caráter teórico, pois se busca também propostas políticas.

A principal bandeira da teoria queer inicia pela crítica ao modelo heteronormativo, cuja ordem sexual é bastante rígida e possibilita aos sujeitos que não fazem parte dessa ordem punições cruéis. O termo queer foi fincado por Teresa de Lauretis e significa uma expressão norte-americana que quer dizer sujo, abjeto, desprezível e sendo esses, os locais dados àqueles que desviavam do padrão estabelecido. A teoria capturou a expressão e colocou esses sujeitos como centrais, associados à contracultura. Porém, é necessário frisar que os pensamentos sobre a teoria queer são atravessados de conflitos internos e externos, o que significa dizer que não se trata de uma teoria unificada, com propostas de pensamento único. Esse trabalho dar-se-á em uma perspectiva mais geral devido a seu propósito inicial.

A partir da década de 1960, os movimentos sociais, fora do contexto eurocêntrico, se mostraram com novas perspectivas, sendo os mais visíveis, os movimentos negro; feminista e; homossexual. Nesse momento surgem as primeiras ideias sobre a teoria queer que só chega a se cristalizar na década de 1980, nos EUA.

O contexto da época se configurava com a epidemia da aids, que se manifestou sob uma ordem de fator biológico, mas, sobretudo de construção social. A política conservadora colocou o vírus como um castigo àqueles que estavam indo de contramão a ordem – heteronormativa, no intuito de barrar a revolução sexual. Não obstante, os grupos de gays e lésbicas, como forma de resistência e reação a esse lugar de desprezo que foram colocados, passaram a ser mais radicais e se organizar a partir de outras percepções e é nesse momento que surge a política e a teoria queer.

Enquanto o movimento gay tradicional lutava para ser aceito na sociedade e ter direitos iguais aos heterossexuais, os queer denunciavam as formas violentas que eram formadas as chamadas linhas de abjeção. Ou seja, apontava para situações que transcendem a “adequação” dos sujeitos nos códigos legais. Até porque o modelo conservador ainda tolera homossexuais normalizados, mas violenta ainda mais àqueles que fogem em absoluto a essa regra. Em suma, a busca a teoria é de criar mecanismos para destruição dessas normas e não a “adequação” dos sujeitos “abjetos” ao que se é considerado correto.

Preciado, que tem suas ideias sustentadas pelo pensamento da biopolítica de Foucault, diz que essas minorias sexuais se convertem em multidões queer: “o corpo não é um dado passivo sobre o qual atua o biopoder, mas mais exatamente a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros” (PRECIADO, 2011, p.03). A autora ainda utiliza o conceito de desterritorialização de Deleuzi e Guatari para tratar do corpo da multidão queer que resiste ao que é posto como normal: “uma desterritorialização que afeta tanto o espaço urbano como o espaço corporal”.

A partir da afirmação acima se pode compreender com mais facilidade o objetivo da teoria queer que segundo Stain (2006), é de tornar visíveis as injustiças construídas socialmente, que parte da criação de sujeitos “normais” e “anormais” e conseqüentemente, desconstruir o padrão heteronormativo. É o que Butler (2003) chama de nova política de gênero. É importa salientar aqui que a teoria

queer emerge tendo como base ideológica concepções da pós-modernidade, o que obviamente faz com que a teoria rompa com a proposta moderna aonde se via, por exemplo, o que Hall descreve, quando fala de identidade sobre a noção do sujeito sociológico – o sujeito tem uma essência é formado e pode ser modificado de acordo com a cultura. A noção de identidade, que faz parte dos questionamentos da teoria, segue compreensões mais complexas, partindo do pressuposto de que são identidades não fixas, não biologizantes e, claro, múltiplas.

A concepção de poder nessa teoria é compreendida a partir do pensamento Foucaultiano, cuja lógica não se associa a um ser, ou a uma instituição específica, mas, na mobilidade do poder. Hall (2005) ao tratar do processo de descentramento da identidade do sujeito, ressalta um novo tipo de poder que Foucault chama de poder disciplinar, no qual estabelece a individualização e o controle dos corpos dos sujeitos, não obstante, entendendo esse poder na sua mobilidade e não algo que vem de cima para baixo, como a modernidade compreende. Segundo Godinho (1995, p.68):

Na concepção foucaultiana de poder, existem poderes disseminados em toda a estrutura social por intermédio de uma rede de dispositivos da qual ninguém, nada escapa. O poder único não existe, mas, sim, práticas de poder, [...] o poder não é algo que se possui, mas algo que se exerce, [...].

Logo, o poder se exerce a partir das relações que estão em constante mudança. Foucault também propõe pensar o poder do ponto de vista positivo e refletir também sobre a noção de dominação utilizada pelo marxismo, que não seria suficiente para dar conta do conceito de poder. Isto é, caso o foco do poder esteja ligado a força, a consequência será sempre a guerra e/ou repressão. O conceito de poder foucaultiano está localizado entre a verdade e o direito – o exercício do poder está ligado à produção da verdade, que é a norma, cujo discurso julga, classifica, pune (PROGREBINSVHI, 2015).

Não é, pois, o poder enquanto elemento de coerção ou de violência que está posto por Foucault, mas o poder enquanto relação estratégica, enquanto um conjunto de tecnologias por meio das quais ele é exercido (PELIZZARO, 2013, p. 157).

A verdade no pensamento foucaultiano é, sobretudo, produção estratégica do próprio poder, que se regulamenta, produz, qualifica e reproduz e está localizada na circulação dos sistemas de poder e não antes ou fora. “O poder deve ser considerado como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social, e não apenas como uma força que diz não” (CALLIARI, 2001, p. 72).

Após tecer determinados comentários sobre significado de poder para Foucault, de uma forma mais geral, podemos agora tratar sobre o que o filósofo chama de poder disciplinar, cuja definição reflete questões de ordem epistemológica. O poder disciplinar carrega uma função principal, a de adestrar, mantendo-se na invisibilidade para funcionar, pois é na sutilidade que esse poder se manifesta, no qual imprime indivíduos vigiados e úteis, sem, necessariamente usar qualquer tipo de força ou violência.

A sanção normalizadora é outro dispositivo disciplinar, cuja materialidade se dá na normalização/naturalização das condutas e não mais na codificação dos comportamentos. Outro dispositivo importante é o exame, que na verdade está na relação ente a vigilância e a sanção normalizadora permitindo qualificar, classificar e ao mesmo tempo punir.

Nesse caminho, se compreende como os corpos são “domesticados”, “vigiados” e “punidos” quando esses fogem à regra, ou seja, ao padrão heteronormativo, branco e de classe média.

A utilização de repertório comum de autores, a luta contra a heterossexualidade compulsória (Rich, 1993), a posição contrária a binarismos fáceis, entre outros, são características que conferem uma aura de transgressão e contestação ao pensamento queer (PEREIRA, 2006 p. 03).

Problematiza-se então o binômio sexo/natureza na medida em que, por exemplo, se aborda o sexo de forma histórica como já dito nesse ensaio. Propõe-se desconstruir a ideia de naturalização do sexo, sexualidade ou mesmo do gênero. Segundo Namaste (1996) uma das apostas queer é que através do questionamento dos binarismos, pode haver espaços maiores de construção do sujeito individual na sociedade, uma vez que não se trabalha com um sujeito de identidade imutável. Com isso, espera-se abarcar a cultura sexual marginalizada, entendendo o desejo a partir da ideia de construção social – na contemporaneidade, quem dita às regras sobre os desejos sexuais é a heterossexualidade, este é o comportamento aceitável nessa sociedade.

A palavra “desconstrução” está diretamente ligada a essa teoria, pois é nessa lógica que se pretende denunciar a heterossexualidade compulsória e desconstruir padrões que marginalizam, asujeitam, inviabilizam vivência de sujeitos que não estão nos moldes do que foi colocado como verdade através desses processos de relações de poder.

na verdade, as normas regulatórias de uma sociedade abrem possibilidades que ele assume, apropria e materializa. Ainda que essas normas reiterem sempre, de forma compulsória, a heterossexualidade, paradoxalmente, elas também dão espaço para a produção dos corpos que a elas não se ajustam. Esses serão constituídos como sujeitos “abjetos” – aqueles que escapam da norma. Mas, precisamente por isso, esses sujeitos são socialmente indispensáveis, já que fornecem o limite e a fronteira, isto é, fornecem “o exterior” para os corpos que “materializam a norma”, os corpos que efetivamente “importam” (LOURO, 2001, p.06).

Em suma, a nova política de gênero dar origem a corrente teórica queer, que passará questionar afirmações como, por exemplo, a certeza de que a maioria dos sujeitos são heterossexuais, repesando assim, o binário homo-hetero, bem como problematizar o conceito de gênero, antes atrelado apenas às mulheres, nascidas com genitálias femininas. O gênero na teoria queer, está bem mais ligado ao construto social, afirmando que o masculino e feminino estão entre homens e mulheres, as convenções culturais que tentam normatizar esses sujeitos.

Voltando à análise de Preciado sobre as multidões queer, a autora tece algumas críticas relacionadas à Foucault quando o aponta como neoconservador no que diz respeito sua, segunda a autora, ideia de que as multidões queer são opostas as ideias indenitárias. A autora considera que a des-identificações são, inclusive, estratégias das multidões queer quando, por exemplo, as lésbicas que não mulheres, gays que não são homens, ou dos transexuais que não são homens nem mulheres se colocarem dessa forma.

Falar aqui de multidões queer significa tratar da complexidade que envolve a teoria. A diferença sexual ou as diferenças dos homossexuais são questões reduzidas quando se trata de teoria queer, por se colocar, como bem diz Preciado, de uma Política de anormais: uma multidão de corpos de homens sem pênis, veados lésbicos, transgêneros, ciborgues.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dito isso, a teoria queer vai apontar uma perspectiva crítica sobre as convenções de gênero e de sexualidade. A proposta não visa que sujeitos considerados “normais” respeitem os “diferentes”, transcende a isso. O objetivo é de refletir sobre o processo de classificação desses sujeitos e assim desconstruir tais normas. Como já dito, mas é importante ressaltar que a teoria queer nasce sob o olhar norte-americano. A realidade brasileira aponta questões outras a serem consideradas, todavia, esse

ensaio está limitando a tratar do assunto de forma genérica e que compreende, em outra oportunidade, de trazer discussões mais específicas ao contexto brasileiro.

A “reviravolta epistemológica” provocada pela teoria queer transborda, pois, o terreno da sexualidade. Ela provoca e perturba as formas convencionais de pensar e de conhecer. A sexualidade, polimorfa e perversa, é ligada à curiosidade e ao conhecimento. O erotismo pode ser traduzido no prazer e na energia dirigidos a múltiplas dimensões da existência. Uma pedagogia e um currículo conectados à teoria queer teriam de ser, portanto, tal como ela, subversivos e provocadores. Teriam de fazer mais do que incluir temas ou conteúdos queer; ou mais do que se preocupar em construir um ensino para sujeitos queer (LOURO, 2001, p.06).

Por fim, é comum achar que a teoria queer se fundamenta em estudar as sexualidades, todavia, pode-se perceber nesse ensaio que se trata de uma complexidade que não deve ser resumida a esse conceito. Esperamos que o trabalho tenha dado conta de desconstruir essa ideia. Como as demais teorias, não se trata de ideias e/ou propostas sem conflitos ou contradições no seu interior. Os autores ainda se divergem em algumas indicações, não obstante, trata-se de uma teoria cuja proposta central é de questionar os saberes que estão postos e assim possibilitar uma nova forma de vivência entre os sujeitos.

Sabemos que são necessárias maiores discussões sobre a temática abordada, não obstante, não se pode negar as inúmeras contribuições que a teoria já vem realizando no modo como enxergamos o mundo e, claro, como olhamos para as nossas relações, que, como já dito, se modifica sempre, pois foge do estático, do imutável. Os processos de subjetivação são intensos e acontecem a cada instante.

REFERÊNCIAS:

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** (tradução Renato Aguiar). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Capítulo 01 e conclusão

CALLIARI, Neiva. **Aspectos do poder segundo Michel Foucault**. In: Revista RATIO, Ji-Paraná Canoas, Instituto Luterano de Ensino Superior de Ji-Paraná: Editora da ULBRA, n. 4, jan/dez 2001. pp. 71-76.

GODINHO, Eunice Maria. **Educação e Disciplina**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MISKOLCI, Richard. **Origens históricas da Teoria Queer**. In: _____. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFPO, 2012

POGREBINSCHI, Thamy. **Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder**. Rev. Lua Nova. Rio de Janeiro. 2015

PELLIZZARO, Nilmar. **Michel Foucault: um estudo do biopoder a partir do conceito de governo**. v .05, n.01, 2013.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. **Resenhas: A teoria queer e a Reinvenção do corpo**. **Cad. Pagu** no.27 Campinas July/Dec. 2006

PRECIADO, Beatriz. **Multidões Queer – notas para uma política dos anormais**. Rev. Estud. Fem. vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2011

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação**. Rev. Estudos Feministas. 2001



STEIN, Gertrude. **Mas afinal o que é a Teoria Queer?** Rio de Janeiro: PUC-Rio, Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11727/11727_3.PDF acessado em 01/03/2018.

Autores: Ana Teresa Camilo Duarte e Vanessa Carneiro Banderia de Carvalho Cruz

Afiliação autores: *Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Faculdade Vale do Salgado (FVS)*
, anateresaduarte9@gmail.com; vanessa2701@hotmail.com